



ATAS

ATA Nº 18

Aos vinte e seis dias, do mês de junho, do ano de dois mil e dezassete, pelas vinte e uma horas e vinte e sete minutos, reuniu a Assembleia de Freguesia de Colmeias e Memória, no salão do edifício sede da Junta de Freguesia, sito na rua Alfredo de Sousa Brandão, nº 71, lugar da Eira Velha, de acordo com o disposto na alínea a), do artigo 11, da Lei nº 75/2013, de 12 de setembro, para uma sessão ordinária com a seguinte Ordem do Dia:

1. **Aprovação da ata da sessão anterior;**
2. **Apreciação da informação escrita do presidente da Junta de Freguesia acerca da atividade desta e da situação financeira da Junta de Freguesia de 1 de abril a 31 de maio de 2017;**
3. **Atribuição do topónimo Travessa dos Barrocos, no lugar do Tôco: Apreciação, discussão e deliberação.**

Pelas vinte e uma horas e trinta e três minutos, e havendo falta da senhora Dulce Graça e do senhor Vítor Francisco o senhor Presidente da Assembleia saudou os presentes, declarou aberta a sessão e lembrou a ordem do dia com a sua leitura.

Entrou-se no período antes da ordem do dia tendo-se inscrito a senhora Maria Neves Ferreira, que interpelou o senhor Presidente por que motivo é que o mato e silvas ao redor da casa dela, na Eira Velha e também em alguns sítios da Lameiria não estavam cortados. Tinha falado com os proprietários que nada fizeram. Perguntava a quem se dirigia para resolver a situação e, se a Junta de Freguesia não podia limpar os terrenos.

Foi dada a palavra ao senhor Fernando Estrada, do lugar da Confraria, que queria saber a razão pela qual a estrada da Confraria só estava arranjada até próximo da sua casa e tinham interrompido os trabalhos, embora marcados até ao limite da freguesia. Não era para ser tudo arranjado? Por que razão tinham interrompido os trabalhos? Também queria saber o ponto da situação do caminho junto ao rio na mesma localidade.

Respondeu o senhor Presidente do Executivo que em relação aos matos e silvas, que infelizmente as pessoas não tinham aprendido a lição do passado. A Junta de Freguesia tinha dado instruções ao senhor pároco para avisar as pessoas na homilia, que limpassem os terrenos em volta das casas num raio de cem metros e tinha falado com alguns proprietários para limparem os terrenos, nomeadamente com a proprietária dos terrenos que rodeavam a casa da senhora Maria Ferreira, sendo obrigatório fazê-lo tanto no verão, como no inverno. Contudo, se informassem os serviços da Junta de Freguesia do nome e morada dos proprietários, aquela entidade faria chegar a queixa aos donos dos terrenos para ser feita a devida limpeza.

Em relação ao assunto do senhor Fernando, o que estava a ser feito eram só remendos na estrada da Confraria, visto que aquela estrada iria sofrer obras dentro de três quatro anos, obras profundas de remodelação, com saneamento, passeios e alcatroamento, mas que iria saber sobre a interrupção dos trabalhos, o que desconhecia. No caminho junto ao rio, respondeu se tinham sabido o nome do confinante, até para se alterar o caminho e que estava à espera de resposta para se falar com ele, já que no rio não tinha competência para lá trabalhar. Acrescentou que a Assembleia de Freguesia era o local para se fazerem chegar as dúvidas e falar delas. Adiantou que a estrada Nossa Senhora da Piedade, que vai da Bouça à Igreja Velha, iria ter obras com alargamento da via e passeios com execução dentro em breve, devido ao problema da passagem de camiões pesados, com transporte de inertes no local. Assim como, iriam ser feitos passeios na

estrada do Barracão e Rua Central, e saneamento, havendo ainda um projeto para aqueles lugares.

Tomou a palavra o senhor Presidente da Assembleia para dar a palavra aos membros da Assembleia tendo-se inscrito a senhora Anabela Lourenço que saudou os presentes e perguntou o seguinte: em relação aos incêndios, pelo que tinha percebido, a Junta de Freguesia só chamava à atenção das pessoas para limpar os seus terrenos, então qual era a entidade que aplicava as coimas em relação à falta de limpeza de vegetação à volta das casas? Tinha tomado nota na última assembleia de freguesia dos muitos projetos existentes, mas perguntou, naquela data quais os projetos em execução na freguesia, tanto os executados pelo município, como aqueles da autoria da Junta de Freguesia. Outra situação, eram os semáforos do Barracão que estiveram avariados quatro semanas. Quis saber se a avaria tinha sido reportada pela Junta de Freguesia, assim como, o semáforo na Memória que estava permanentemente avariado, ora só vermelho ou só de outra cor.

Comentou o senhor Presidente da Junta que quem aplicava as coimas era a Câmara Municipal de Leiria, ou a GNR, CETNA, ou GIPS e que no que respeitava a projetos, tinham sido abertas propostas para a execução das obras de apoio à feira da Memória, para se adjudicar a fase um, a começar, no mês de julho, assim como na estrada de Lagares, desde a ponte do rio até à rotunda, iria ser lançada a concurso pela Câmara Municipal de Leiria, com projeto elaborado pela Junta de Freguesia de Colmeias e Memória, já com visto do Tribunal de Contas, para serem feitos passeios e alargamento na ordem dos seis metros. Também estavam em execução a estrada das Areias com conclusão para breve e a estrada da Raposeira que deverá estar pronta para setembro/outubro, com projetos apresentados pela Junta de Freguesia e execução camarária. No que respeitava aos semáforos do Barracão, não tinha reportado, mas qualquer cidadão o poderia fazer e tinha conhecimento de telefonemas feitos para a Câmara Municipal de Leiria a reportarem a avaria. Da Memória, os semáforos eram pertença da I.P. e iria comunicar-lhes a avaria.

Voltando ainda aos incêndios e do trabalho de acompanhamento e vigilância florestal, e ao trabalho da Junta de Freguesia afirmou que no domingo anterior não tinha havido uma desgraça devido a dois incêndios provocados por raios porque tinha havido uma forte descarga de água que os apagou. Contudo, na Portela do Outeiro tinha havido um reacendimento pelas cinco da tarde. Tinham telefonado para a Junta de Freguesia que enviou um funcionário com a carrinha do equipamento para apagar fogos e ao chegarem ao local estavam alguns populares a olhar o fogo sem nada fazerem. Ora, assim não podia ser. Afirmou ainda que a referida carrinha tinha sido alvo de chacota quando foi adquirida, mas já estava várias vezes paga pelo trabalho executado.

Tomou a palavra o senhor Manuel Carlos Sousa, que saudou os presentes e inquiriu sobre umas obras que se estão a realizar na rua do Pomar, em Agodim, a confinar com o Casal da Quinta, tendo questionado se tinha havido pedido para a sua realização. Outra questão, era se a Junta de Freguesia tinha intervindo no caso da senhora doente, do Barracão, assunto falado na última reunião de assembleia. Queria lembrar a estrada da Zaburreira, para quando o seu arranjo, porque de facto, já se arrastava por tempo demais a situação.

Queria comentar a resposta dada pelo senhor Presidente sobre a estrada do Barracão e o ressalto no entroncamento com a rua Nossa Senhora de Fátima. Na última assembleia o senhor Presidente da Junta tinha associado a Junta de Freguesia ao lado positivo da execução das obras, embora fosse da autoria da Câmara Municipal de Leiria, agora, que era necessário fazer a correção do problema, já não era bem assim. Entendia que nestas situações, se havia associação aos aspetos positivos das obras, também havia



de haver associação aos aspetos negativos e assumir a posição. Por falar em aspetos negativos queria comentar a inauguração de umas casas de banho na Raposeira. Já há tempos tinha havido uma inauguração de uma rotunda com custos associados a convidados e almoços pagos. Entendia que havia sítios onde seria bem mais empregue esse dinheiro, do que almoços pagos e havia falta de bom senso naquelas questões. Sabia que o senhor Presidente não concordava com ele porque sabia que tinha de haver um pouco de folclore nestes dois meses antes das eleições. Curiosamente, havia umas casas de banho perto da Junta de Freguesia que estavam fechadas todo o ano mesmo quando havia eventos. Estava para ver em termos de futuro o que iria acontecer às casas de banho da Raposeira.

Ainda sobre as obras e assuntos levantados e anotados nas assembleias, tanto da parte do público, como da parte dos membros da assembleia tinha a sensação que não havia continuidade para a sua resolução e adiantou que se fizesse um estudo dos assuntos solucionados, acreditava que talvez setenta por cento dos problemas ali trazidos ficava por solucionar; era um estudo que poderia fazer.

Respondeu o senhor Presidente da Junta que em relação à rua do Pomar tinha sido dada autorização para se fazer uma valeta. Se estava algo mais, não tinha conhecimento e iria investigar. No que respeitava à senhora do Barracão, confessava que não tinha feito nada. Cabia às instituições da terra de apoio social e à segurança social resolver esses problemas. Não era à Junta de Freguesia que os competia resolver. No que respeitava à estrada da Zaburreira já se tinha falado o suficiente e o caso estava na alçada da Câmara Municipal de Leiria, que quando entendesse haver condições técnicas para fazer o alcatroamento, estava seguro, seria feito. Em relação às casas de banho da Raposeira tinham sido convidados todos os membros da assembleia, no local tinham sido explicadas as razões da execução daquela obra a todos os presentes, se o senhor Manuel Carlos de Sousa não tinha comparecido foi porque assim quis. Com respeito ao almoço, informou que tinha sido pago aos convidados, do seu bolso. Na situação do enchimento de alcatrão na rua do Barracão estava à espera que dentro em breve fosse alcatroada a rua do Vale no Barracão e nessa altura se iria retificar o que estava mal. Não se ia deslocar maquinaria expressamente para fazer aquele trabalho na rua do Barracão.

Tomou a palavra o senhor Manuel Carlos de Sousa para declarar que tinha uma visão diferente do executivo no que dizia respeito às questões de natureza de apoio social. A Junta de Freguesia tinha o dever de rastrear todas as questões de natureza social. Não podia dizer que havia na freguesia associações vocacionadas para o efeito como a Associação Humanitária de Colmeias que trabalha em prol dos seus associados, mas não devia fazer o rastreamento das situações. Devia sim, a Junta de Freguesia de fazer o rastreamento e encaminhá-las para as devidas associações. Não se devia de fechar os olhos a situações idênticas à situação daquela senhora do Barracão, como não se podiam fechar os olhos a outras situações existentes na nossa freguesia. Não sabia se tinha passado à margem da Junta de Freguesia outra situação, de uma senhora que vivia para os lados do Feijão, que vivia numa casa em que quando chovia tinha que se cobrir com plásticos. Estas situações, a Junta de Freguesia não podia lavar as mãos como Pilatos, porque entendia ser esta uma das ações mais nobres da Junta de Freguesia. Estando as pessoas idosas mais débeis, sem poderem reivindicar os seus direitos, eram elas que precisam de apoio da Junta de Freguesia. Assim era o seu entendimento. Sabia que resolver estas situações não trazia votos, ao contrário das grandes obras, mas achava que devia ser a vocação da Junta de Freguesia.

Por último, estava à espera que lhe fossem chegados alguns documentos pedidos por ele, relativos às despesas aprovadas na última assembleia de freguesia, mas que ainda não os tinha recebido.

Tomou a palavra o senhor Presidente da Junta, para dizer que o seu interlocutor não devia viver na freguesia, a não ser para acusar o Presidente do Executivo, porque desconhecía de todo o trabalho desenvolvido no apoio social. Devia ter vergonha do que disse e perguntou ao senhor Manuel Carlos de Sousa o que tinha feito quando esteve no executivo desta mesma freguesia. No seu entender zero. Sabia que muitas situações de apoio social passavam ao lado de muitos fregueses, mas não entendia como passavam ao lado do referido senhor, a não ser para o denegrir. Sendo assim iria referir alguns casos de apoio social feitos pela Junta de Freguesia: oferta de trabalho a fregueses em situação de reinserção social, marginalizados, com ótimos resultados no regresso posterior à vida em sociedade, apesar de na altura o criticarem por estar a ajudar pessoas de famílias duvidosas. Houve o caso do Sr. Armindo cuja situação foi comunicada à Junta de Freguesia pela Associação Humanitária de Colmeias, que vivia numa barraca e que com o apoio do Sr. Adriano que doou uma casa, foi resolvida a situação também com a colaboração, da Junta de Freguesia; o caso da senhora Angelina Grave que vivia em péssimas condições e lhe foi arranjada uma casa pré-fabricada com condições; a obtenção de duas casas pré fabricadas na zona da Memória prontas a serem habitadas por pessoas com carências num terreno doado por uma cidadã; prestam apoio à Conferência S. Vicente de Paulo que presta um excelente trabalho de proximidade aos cidadãos diferente da Associação Humanitária de Colmeias com quem há parcerias de trabalho. A de São Vicente de Paulo, foi-lhe arranjado em primeiro lugar, uma casa para poderem exercer com dignidade as suas funções e, mais tarde, tinha-lhe sido facultada uma casa própria na antiga escola primária da Raposeira. Tinha orgulho em poder ajudar e sabia que o podia fazer, mas quando o senhor Manuel Carlos de Sousa lhe dizia que este executivo não prestava apoio social, era porque certamente não vivia na freguesia de Colmeias.

No que respeitava ao seu pedido de fotocopiar os documentos pedidos, referiu que tinha tido o cuidado de dizer que iria pedir um parecer para saber se era legal fazê-lo, já que podia ter consultado os documentos na sede da junta de freguesia, o que não tinha feito. Tinha pedido o parecer a duas entidades, uma das quais respondeu no dia catorze de junho onde dizia claramente que podiam ser fotocopiados documentos e enviados ao requerente, desde que este o tivesse feito no decorrer de uma Assembleia de Freguesia através da Mesa da Assembleia, com requerimento por escrito e até a um prazo máximo de trinta dias. Sendo assim, iria enviar-lhe os documentos solicitados.

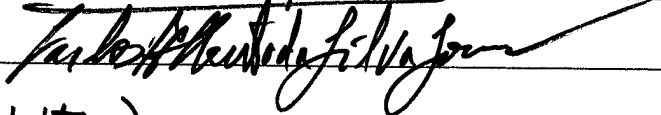
Tomou a palavra o senhor Manuel Carlos de Sousa para dizer que queria corrigir algumas afirmações proferidas; que nunca tinha feito parte de nenhum executivo da Junta de Freguesia de Colmeias; depois, lembrava que as suas funções e as de qualquer membro da Assembleia de Freguesia eram deliberativas e não executivas, eram funções de vigilância do executivo da junta. As suas funções enquanto membro deliberativo e a coberto da lei, pretendia executá-las e levá-las até ao fim; não era agente executivo, não andava no terreno, mas questionava o executivo. Queria dizer ao senhor Presidente da Junta que ao pretender passar uma imagem de grande envolvimento eram “peanuts”. Queria recordar-lhe uma situação dum conterrâneo nosso, que tanto quanto sabia tinha pedido ajuda à Junta de Freguesia, por que vivia no centro da freguesia, em condições péssimas, abandonado pela família, e a junta de facto, tanto quanto parecia, não tinha tido qualquer intervenção, nem qualquer ajuda, e o desfecho final foi qual? Foi suicídio. Tinha acontecido nas Colmeias e sobejamente conhecido por todos, e V^a Ex^a como habitante do centro da freguesia sabia de quem estava a falar e não iria revelar o nome

ATAS

O Presidente da Assembleia _____



O Primeiro Secretário _____



O Segundo Secretário _____

(faltou)